

Os massacres das praças Tahrir e Rabaa e seus desdobramentos para a nova revolução egípcia

Blood spring: the massacres of the Tahrir and Rabaa squares and their consequences for the new Egyptian revolution
Primavera de sangre: las masacres de las plazas Tahrir y Rabaa y sus desdoblamientos para la nueva revolución egipcia

Rodrigo Medina Zagni*

190

Resumo: O trabalho enfoca a violência, no limite dos massacres, desencadeada contra as manifestações de rua que tiveram curso durante o que podemos considerar uma “nova revolução egípcia” e que tiveram centralidade na Praça Tahrir, ocorrendo também na Praça Rabaa, forçando a construção de uma outra gramática política quando, a partir de 2011, a população egípcia entendeu que, para ser ouvida, seria necessário ocupar as ruas e demais espaços públicos, enfrentando-se com um dos maiores exércitos de todo o mundo árabe.

Palavras-chave: nova revolução egípcia; primavera árabe; massacres; Praça Tahrir; Praça Rabaa.

Abstract: The work focuses on violence, at the edge of the massacres, unleashed against the street demonstrations that took place during what may be considered a "new Egyptian revolution" and which had a centrality in Tahrir Square, also occurring in Rabaa Square, forcing the construction of another political grammar when, from 2011, the Egyptian population understood that, in order to be heard, it would be necessary to occupy the streets and other public spaces, facing one of the largest armies in the Arab world.

Keywords: new Egyptian revolution; Arab Spring; Massacres; Tahrir Square; Rabaa Square.

Resumen: El trabajo enfoca la violencia, en el límite de las masacres, desencadenada contra las manifestaciones callejeras que tuvieron curso durante lo que podemos considerar una "nueva revolución egipcia" y que tuvieron centralidad en la Plaza Tahrir, ocurriendo también en la Plaza Rabaa, forzando la construcción de otra gramática política cuando, a partir de 2011, la población egipcia entendió que, para ser oída, sería necesario ocupar las calles y demás espacios públicos, enfrentándose con uno de los mayores ejércitos de todo el mundo árabe.

Palabras-clave: nueva revolución egipcia; Primavera árabe; Masacres; Plaza Tahrir; Plaza Rabaa.

No dia 22 de novembro de 2011, Mohamed ElBaradei, ex-chefe da *Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA)*, *Prêmio Nobel da Paz* em 2005 e então candidato à presidência do Egito, era o primeiro a vir a público para utilizar o termo *massacre* a fim de referir a repressão movida pelas forças policiais egípcias, sob ordens do *Conselho Supremo das Forças Armadas (CSFA)*, contra dezenas de milhares de manifestantes que ocupavam a *Praça Tahrir*, acusando o Exército de tentar manter-se, à força, no poder. No mesmo dia, a *Agence France-Presse*

* Doutor em Práticas Políticas e Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP); docente do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), coordenador do grupo de pesquisa “Conflitos armados, massacres e genocídios na era contemporânea” (UNIFESP) e do curso de pós-graduação em “Conflitos internacionais e globalização” (UNIFESP).

(AFP), a partir de suas declarações, difundia na imprensa internacional as denúncias de que gás lacrimogêneo contendo agentes enervantes e armas de fogo com munição real estariam sendo usados contra a população civil¹ concentrada na maior praça pública do Cairo, palco tantas vezes de protestos que redefiniram os rumos políticos daquela nação.

Desde o dia 19 de novembro, um sábado, quando os confrontos entre manifestantes e militares tiveram início, até as primeiras declarações de ElBaradei, já teriam sido 36 mortos², número que nos dias posteriores se elevaria para mais de 300. No decurso do massacre, já na segunda-feira, dia 21, Esam Sahraf, então Primeiro-Ministro chefe do governo provisório, abdicou em favor do CSFA que, enquanto dispensava o mais brutal da truculência policial contra os manifestantes, no dia 22 declarava-se publicamente dotado de um espírito democrático e apaziguador prometendo realizar, até o mês de junho de 2012, eleições diretas para presidente.

O lugar do massacre denunciado por ElBaradei é um dos mais importantes lugares da memória política do povo egípcio. Desde a sua construção, a *Praça Tahrir* fora convertida em *locus* dos principais movimentos políticos que agregaram os mais distintos segmentos da sociedade egípcia, como é o caso das *Revoltas do Pão*, de 1977; dos protestos contra a *Guerra do Iraque*, em 2003; e dos protestos que no dia 25 de janeiro de 2011 levaram 50 mil pessoas à praça³, número elevado a 100 mil em apenas 5 dias⁴ e, segundo a *Al Jazeera*, a pelo menos 250 mil pessoas no dia 31 de janeiro, oitavo dia de protestos⁵, a exigirem a renúncia do presidente Hosni Mubarak e culminando, no dia 1º de fevereiro, na *Marcha de um milhão* que levou um mar de manifestantes⁶ a se aglomerar naquele que se convertera o centro vivo da política egípcia; mais do que isso, do Oriente Médio e chamando para si as atenções de todo o

¹ Cf.: “Elbaradei denuncia ‘massacre’ na Praça Tahrir”; *TDF Rádio Notícias*, Lisboa, 23 Nov. 2011 (disponível no link: www.tsf.pt/Paginalnicial/Interior.aspx?content_id=2142504).

² Cf.: “Candidato no Egito, ElBaradei denuncia ‘massacre’ na Praça Tahrir”; *G1*, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília *et al*, 22 Nov. 2011 (disponível no link: <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2011/11/candidato-no-egito-elbaradei-denuncia-massacre-na-praca-tahrir.html>).

³ “Egyptians report poor communication services on Day of Anger”; *Egypt Independent*, 25 jan. 2011 (disponível no sítio: <http://www.egyptindependent.com/news/egyptians-report-poor-communication-services-day-anger>)

⁴ “Egypt protesters step up pressure on Hosni Mubarak”; *BBC News*, 31 jan. 2011 (disponível no sítio: <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12320959>).

⁵ “Live blog 31/1 – Egypt protests”; *Al Jazeera News*, 31 jan. 2011 (disponível no sítio: <http://blogs.aljazeera.com/blog/middle-east/live-blog-311-egypt-protests>).

⁶ Não há consenso sobre o número de manifestantes que compareceram às manifestações do dia 1º de fevereiro; enquanto a rede *Al Jazeera* noticiava a presença de mais de um milhão de pessoas [Cf.: “Protesters flood Egypt streets”; *Al Jazeera News*, 1º Fev. 2011 (disponível no sítio: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/2011215827193882.html>)], analistas da *Stratfor Global Intelligence* desacreditavam as cifras, dizendo de não mais que 300 mil manifestantes [Cf.: “Update on the size of the Egyptian Protests”; *Stratfor*, 1º fev. 2011 (disponível no sítio: <https://www.stratfor.com/sample/analysis/gauging-size-egyptian-protests>)].

mundo.

As forças sociais ali mobilizadas, no dia 11 de fevereiro, por fim derrubaram o governo de Mubarak depois de três décadas consecutivas no poder – de 1981 a 2011, o governo mais longo de toda a história moderna do Egito -, apontado como responsável pela implementação de políticas neoliberais alinhadas aos interesses norte-americanos e que, desastrosamente, culminaram na estagnação econômica, na pobreza, na desigualdade, na corrupção e no desemprego que corroíam o sistema político e flagelavam a classe trabalhadora egípcia. A vitória, por sua vez, fez do lugar o centro das comemorações do que se celebrava como uma paz duradoura e que levaria, inevitavelmente, à democratização da política e da sociedade egípcia: o que, sabemos, jamais ocorreu.

Dois anos depois, em 2013, as ruas e praças do Cairo voltariam a ser ocupadas por setores que, inicialmente, manifestaram-se pela destituição do governo de Mohamed Morsi, desde 2011 – no decurso da revolução - presidente do partido político fundado pela *Irmadade Muçulmana*⁷ – o *Partido da Liberdade e da Justiça* - e eleito, em 2012, o 5º presidente da história egípcia, após a queda do regime de Mubarak. As manifestações serviram de argumento para que, em julho, a coalizão liderada pelo general Abdel Fattah el-Sisi desfechasse o Golpe de Estado que suspenderia a constituição e instalaria um governo que se autoproclamara *de transição*. Daí por diante, ruas e praças foram o ambiente de concentração daqueles que se opunham ao governo militar instituído e reivindicavam eleições presidenciais diretas.

De centro das mais importantes manifestações políticas a *Praça Tahrir*, que em novembro de 2011 fora o palco de massacres de civis quando Mubarak tentava ainda agarrar-se ao poder, foi novamente banhada de sangue dois anos depois, no dia 14 de agosto de 2013, em proporções muito mais alarmantes, junto ainda da *Praça al-Nahda*⁸ e da *Praça Rabaa al-Adawiya*⁹ onde, de acordo com a *Human Rights Watch*, houve a mais grave ocorrência de assassinatos em massa da história egípcia moderna, somando em torno de mil mortos¹⁰. Tratava-se da mais brutal escalada de violência levada a termo pelos agentes do Estado egípcio a fim de conter as forças liberadas pela revolução, chacinando sobretudo os membros da *Irmadade Muçulmana* e demais partidários de Morsi.

De que maneira os massacres de *Tahrir* e *Rabaa* estão inseridos no processo

⁷ المجلس لمدون الأخوان جمعوية, *Jamiat al-Ikhwan al-Muslimun*, organização religiosa fundada em 1928.

⁸ النهضة/ *an-Nahdah*.

⁹ العنوية رابعة مسجد, *Rabi'a Al-Adawiya*, *Rabaa El-Adawia* ou *Rabaa El-Adaweya*.

¹⁰ O número é contestado pelo Ministério da Saúde do Egito, que divulgou como números oficiais os de 638 mortos, dentre os quais 595 civis e 43 policiais, além de 3.994 feridos; enquanto a *Irmadade Muçulmana* e a *Aliança Anti-Golpista* afirmam ter havido 2.600 mortos.

revolucionário que teve curso, no Egito, de 2011 a 2013? Quem foram suas vítimas e seus perpetradores? Que mudanças, a partir de sua ocorrência, se processaram na conjuntura interna à revolução?

Com essas questões em mente é que revisitaremos ambos os massacres, recentíssimos no tempo e num momento em que a parte da sociedade egípcia que se convulsionara ainda chora seus mortos.

Os lugares da memória e um necessário recuo histórico

A *Praça Tahrir*, lugar primordial dos massacres interpostos no complexo processo histórico do que podemos considerar uma *Nova Revolução Egípcia* (que se estendeu de 2011 a 2013), não nos importa apenas em razão de sua centralidade urbana na cosmopolita cidade do Cairo¹¹; interessa-nos, sobretudo, porque guarda em si uma significativa história de lutas políticas como lugar de agitações sociais que inscrevem, na *longa duração*, as forças profundas que se movem rumo à determinação dos destinos daquela sociedade.

Carrega em seu nome os sentidos e significados que explicam muitas de suas representações no tempo presente. Construída na década de 1860 por iniciativa de Ismail Paxá¹² - vice-rei do Egito –, sua designação original como *Midan al-Ismailia*¹³ – do árabe: *Praça de Ismail* - seria preterida pelo povo com a revolução egípcia de 1919, movida contra a ocupação britânica do Egito e do Sudão e que fizera com que a praça, centro da agitação revolucionária havida no Cairo, passasse a ser chamada de *Praça da Libertação*, apesar de não ter tido sua designação formal alterada, o que só aconteceria com a explosão de uma outra revolução egípcia, dessa vez em julho de 1952, liderada pelo *Movimento de Oficiais Livres* que tinha à frente o general Muhammad Naguib e a figura, que se tornaria icônica, de Gamal Abdel Nasser. A revolução derrubou o rei Farouk, pôs abaixo o regime monárquico constitucional vigente e proclamou, em junho de 1953, uma república autocrática (com a abolição da organização partidária), momento em que a praça passou a se chamar, oficialmente, *Midan Al-Tahrir*¹⁴ – *Praça da Libertação*, do árabe¹⁵.

¹¹ Onde se encontra cercada pelos prédios que abrigam, por exemplo, o *Partido Democrático Nacional* (الديمقراطي الوطنى الحزب *Al-Hizb Al-Waṭanī Ad-Dīmūqrāṭī*), o prédio governamental do *Mogamma* (مجمع التحرير *Mugamma*), a sede da Liga Árabe, o campus da *American University in Cairo* (AUC) e a ponte *Qasr al-Nil*, que atravessa o Rio Nilo.

¹² باشا إسماعيل *Ismā'īl Bāshā*.

¹³ الأسماعية ميدان *Midān al-Ismā'īliyyah*.

¹⁴ التحرير ميدان *Midān at-Tahrīr*.

¹⁵ Também é referida como *Praça do Mártir* por abrigar, em sua porção Noroeste, uma estátua de Omar Makram, herói nacional da resistência à invasão napoleônica do Egito.

A revolução deu lugar ao regime nacionalista nasserista que, no decurso ainda inicial da Guerra Fria, alinhara-se à União Soviética. O Egito fora tragado para o epicentro das políticas de poder das potências ocidentais para o Oriente Médio já em 1956, com a nacionalização do Canal de Suez, do que resultou o ataque militar desfechado por França, Inglaterra e Israel na guerra que se estendeu de outubro a novembro daquele mesmo ano e que sagrou vitorioso o regime de Nasser (ainda que o Egito tenha perdido, para Israel, o Sinai e a Faixa de Gaza).

O furor nacionalista, suscitado pela guerra, deu condições para que com a promulgação da Constituição de 1956 o Egito fosse convertido em uma República Presidencialista que dava ao Executivo, ou seja, a Nasser, plenos poderes para impor sua vontade sobre o Parlamento, chancelando ainda o modelo unipartidário que dera forma ao partido *União Nacional*.

A perda de influência que Inglaterra e França sofreram no Oriente Médio, com as campanhas militares de 1956, além de se estender às demais potências ocidentais, permitiu ao regime de Nasser nacionalizar praticamente toda a economia egípcia, difundindo no mundo médio-oriental e dentre os países *não-alinhadas* o *nasserismo* como uma alternativa anti-imperialista ao avanço das potências ocidentais. Tendo como resultado político o notável aumento da influência egípcia na região, o *nasserismo* carreou, em larga medida, as realizações do pan-arabismo que deu forma ao nacionalismo árabe contemporâneo. A guisa de exemplo, de 1958 a 1961, o Egito esteve à frente, junto da Síria, da criação da *República Árabe Unida* cujo presidente era Nasser; havendo capital político suficiente para que ainda, da aliança com o Iêmen, o resultado político fosse a criação dos *Estados Árabes Unidos*.

O declínio do *nasserismo* e o conseqüente redimensionamento da influência egípcia no Oriente Médio decorrem, em grande medida, da derrota militar havida na *Guerra dos Seis Dias*, travada em 1967 pela frente de países árabes composta por Egito, Jordânia e Síria, contra Israel e da qual resultou o alijamento de parte do território egípcio, provocando um estreitamento ainda maior das relações entre Síria e Egito com a URSS. O fim do *nasserismo*, com a morte de Nasser, em 1970, é que reverteria este alinhamento e mudaria drasticamente o equilíbrio de poder no Oriente Médio, com a aproximação cada vez maior com o imperialismo norte-americano.

O empreendimento esteve sob os auspícios de Anuar Sadat, sucessor de Nasser e a quem coube o processo de privatizações e do alinhamento da economia egípcia com o capital internacional. O desmonte dos serviços públicos e a formação de exércitos de reserva de mão-de-obra - aquilo que no ideário neoliberal elaborado por Friedrich Hayek e a *Sociedade de Mont*

Pèlerin consistiria numa *taxa saudável de desemprego*¹⁶, termo cuja melhor interpretação é a da manutenção de índices salariais garantidores de altas taxas de lucro -, compuseram-se com um estado de repressão permanente que ao longo dos anos 1970 rechaçou, em todo o Egito, mobilizações da classe trabalhadora e estudantil na luta por direitos.

O quadro se agravou após a derrota egípcia na *Guerra do Yom Kippur*, a quarta guerra Árabe-Israelense, deflagrada em outubro de 1973 e envolvendo uma coalizão de estados árabes liderados por Egito e Síria contra Israel, na tentativa de reaver os territórios perdidos em 1967. Seu desastroso desfecho levou o exército israelense a 100 km do Cairo e, entre outros fatores, o mundo à crise internacional do petróleo, cujos efeitos para a economia egípcia, já combatida pelos primeiros experimentos neoliberais, foram devastadores. E frente à crise econômico-social, o povo egípcio respondeu indo às ruas.

Durante praticamente toda a década de 1970, a *Praça Tahrir* foi o espaço das manifestações de trabalhadores e movimentos organizados que se levantaram contra a crise econômica, a destruição dos serviços públicos e o alinhamento da política egípcia com o imperialismo norte-americano, chegando ao ponto culminante das *Revoltas do Pão*, em 1977, que sangraram em torno de 800 mortos em apenas dois dias e quase puseram abaixo o regime de Sadat. No plano interno, o governo costurou alianças com grupos islâmicos enquanto nas ruas recrudescer a repressão às manifestações populares, a perseguição a opositores da esquerda política e de grupos nacionalistas, criminalizando protestos populares e convertendo em legais detenções arbitrárias.

O alinhamento político internacional, na busca de apoio para a manutenção de seu regime, levou o Egito, em setembro de 1978, a uma inusitada estratégia, fomentada tanto pelos EUA quanto pela Comunidade Europeia e oficializada nos *Acordos de Paz de Camp David*: a aliança com o Estado de Israel, firmada entre Sadat e Menachem Begin, primeiro-ministro israelense. Com isso, o Egito de Sadat tornava-se o primeiro país árabe a reconhecer a existência do Estado de Israel e provocando, com isso, a rápida deterioração das relações históricas que mantivera com a *Organização para a Libertação da Palestina* e, por extensão, com parte significativa de grupos políticos e de parte considerável da própria sociedade egípcia, apoiadores da causa palestina.

A façanha rendeu a Sadat, responsável em 1977 pelo massacre de mais de 800 manifestantes durante as *Revoltas do Pão*, o *Prêmio Nobel da Paz* de 1978.

Em 1981, durante um desfile militar, as contradições do regime de Sadat materializaram-se nos 37 projéteis que lhe tiraram a vida, em atentado realizado por um grupo de soldados que

¹⁶ HAYEK, F.A. *O caminho da servidão*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010, passim.

saiu do alinhamento militar e abriu fogo contra o palanque onde estava o presidente.

Assumindo o poder naquele mesmo ano e convertendo-se no quarto presidente egípcio, Mubarak teve como primeiro desafio a contenção dos grupos nacionalistas, inclusive ligados (de dentro do governo) à morte de Sadat, bem como os setores que se manifestavam nas ruas. Viu-se, para isso, assistido por um conjunto de legislações proibitivas que convenientemente manteve, junto da recém-instituída submissão de criminosos civis a tribunais militares. Trata-se das *Leis de Emergência* – Lei nº 162, de 1958 – reinstituídas a propósito do assassinato de Sadat e que suspendiam direitos constitucionais – inclusive o *habeas corpus* -, estendiam os poderes policiais e legalizavam a censura. Ficavam limitadas também organizações políticas, manifestações e, por iniciativa de Mubarak, fora inserido nesse *corpus* legislativo uma lei antiterrorismo que tipificava como criminosas quaisquer ações atentatórias contra a *ordem institucional* estabelecida. A esse conjunto de leis some-se a intensificação da repressão à dissidência política após o atentado realizado por militantes islâmicos sudaneses em 1995, bem como as execuções em massa perpetradas após o atentado de Luxor, em novembro de 1997.

O *corpus legal* ilegítimo e o *animus* assassino explicam-se também pelo maior alinhamento da política externa egípcia com as estratégias norte-americanas, convertido o Egito, depois de Israel, no maior aliado do Ocidente no Oriente Médio, o que ficara demonstrado com seu apoio incondicional à coalisão liderada pelos EUA que atacou, invadiu e ocupou o Iraque, em 2003.

Com graus crescentes de organização e resistindo à violência desmedida da repressão policial, a classe trabalhadora egípcia protagonizou importantes mobilizações e paralizações que culminaram, em alguns casos, na deflagração de greves gerais, ao longo da primeira década do novo milênio. É o caso da greve dos trabalhadores da indústria têxtil de Ghazl al-Mahala, em 2006; de Mahalla, no final do mesmo ano e em setembro de 2007; de Kafr al-Dawwar e de Abu-Makaram (cidade natal de Sadat), também em 2007, e al-Mahalla al-Kubra, em 2008. O ascenso da classe trabalhadora egípcia pode ser medido pelo número de greves realizadas nesse período: 227 greves no ano de 2006; 580 no ano de 2007; e 389 greves apenas no três primeiros meses de 2008, incluindo uma greve geral, de acordo com o levantamento feito por Osvaldo Coggiola¹⁷. Segundo Gabriel Huland, de 1998 a 2010, foram registradas entre 3.400 e 4.000 greves em todo o país, envolvendo em torno de 4 milhões de trabalhadores mobilizados contra as privatizações e a precarização das condições laboriosas¹⁸.

¹⁷ “Egipto y la Revolución Árabe”; *Aurora*, ano V, nº 7, Jan. 2011, p. 191.

¹⁸ HULAND, Gabriel; “Egito: greves operárias se expandem pelo país”; *LIT-CI*, 18 dez. 2015 (disponível no sítio: <http://litci.org/pt/mundo/oriente-medio-mundo/egito/egito-greves-operarias-se-expandem-pelo-pais/>)

Em 2007, cedendo às pressões norte-americanas e da União Europeia, o governo de Mubarak sancionou leis que proibiram a propaganda política de fundamentação religiosa, a fim de limitar as possibilidades eleitorais de grupos islâmicos - principalmente aqueles ligados à *Irmandade Muçulmana* -, judicializando demandas políticas (não sem antes garantir para si o controle do Poder Judiciário) enquanto nas ruas a ampliação dos poderes policiais levava a níveis crescentes de violência e repressão contra quaisquer grupos mobilizados.

A oposição política ao regime de Mubarak só lograria organizar-se em março de 2010 com a fundação do *Kifay*¹⁹, coalisão de forças políticas muitíssimo distintas – muçulmanos, nacionalistas e socialistas -, identificadas tão somente pela partilha do inimigo comum. Desta maneira, a *Irmandade Muçulmana* compôs forças com os nasseristas do partido *Karama* (na clandestinidade) e os socialistas do *Tagammu*, dentre outros grupos, mas não para a cooptação e direcionamento do ascenso revolucionário manifesto nas ruas a fim de obliterar as relações de poder e de pôr fim à exploração da classe trabalhadora, senão para cobrar do presidente ações para uma *transição pacífica*, que não modificassem os elementos da infraestrutura econômica e, com isso, das insuperáveis contradições de classe vigentes.

Nada pacífico, o *Estado de Emergência* que dera forma ao estado de repressão permanente mantido e aperfeiçoado pelo regime de Mubarak teria generalizado, no âmbito de suas forças de segurança, o uso de prisões arbitrárias e da tortura contra opositores do governo. De 1993 a 2007, teriam sido documentados, pela *Organização Egípcia pelos Direitos Humanos*, 567 casos de tortura perpetrados por agentes policiais egípcios, incluindo 167 mortes²⁰. Organizações como a *Amnesty International* calculam que, apenas em 2010, entre 5 a 10 mil pessoas estariam presas, no Egito, sem terem sido submetidas a processo judicial.²¹ O mesmo aparato de violência institucional foi utilizado para a perseguição dos trabalhadores e estudantes mobilizados na *Praça Tahrir*, em 2011, quando a revolução social que condensara as contradições de mais de meio século já era irrefreável e sua fórmula já estava dada: a agudização das contradições de classe e o aprofundamento das distâncias que apartavam trabalhadores e a classe proprietária, a política externa pró-imperialista, o desacordo do governo com grupos nacionalistas, a repressão policial interna, a tomada de consciência de classe e o crescimento da oposição de trabalhadores e estudantes organizados, a deflagração de greves gerais e manifestações e sua repressão com uso desmedido de violência por parte

¹⁹ “Basta!”.

²⁰ “Egyptian Police sued for boy’s death”; *BBC News*; 13 Ago. 2007 (disponível no link: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/6943704.stm>).

²¹ “Egypt: Keep promise to free detainees by end of June: Join Statement”; *Amnesty International*; 29 jun. 2010 (disponível no sítio: <https://www.hrw.org/news/2010/06/29/egypt-keep-promise-free-detainees-end-june>).

do Estado.

A Nova Revolução Egípcia e os massacres de 2011

Nossa primeira tarefa é a de dimensionar o papel da *Nova Revolução Egípcia* no quadro mais amplo do ciclo de levantes que convulsionaram o mundo árabe no mesmo período e, mais do que isso, no espectro internacional, como centro nevrálgico das transformações que alterariam décadas de relações políticas e econômicas internacionais e o próprio equilíbrio de poder que conecta o Oriente Médio às políticas do Velho Mundo e dos EUA, ambiente nuclear do sistema-mundo capitalista.

As transformações em curso no Egito, como já dissemos, estão inseridas no processo de transformações que varreu países árabes e produziu profundas modificações na configuração política de realidades como a Argélia, Iêmen, Jordânia, Sudão e Tunísia, com notáveis partilhas de elementos constitutivos comuns. Em forma de manifestações de massa, o vagalhão se estendeu até a Líbia, Síria e Bahrein; enquanto a China, temendo o *contágio*, chegou a censurar a palavra *Egito* em sítios buscadores de *internet*. Ainda assim, o epicentro deste processo foi, indubitavelmente, o Egito, tanto em função de sua importância no Oriente Médio quanto pelo histórico alinhamento do governo de Mubarak com interesses ocidentais, em especial, sua aliança com EUA e Israel (o principal interlocutor dos interesses ocidentais no mundo médio-oriental).

O Egito se converteu, durante a era Mubarak, no segundo maior receptor da ajuda econômica e militar norte-americana em todo o mundo, totalizando em torno de 1,5 milhões de dólares anuais e estando abaixo apenas de Israel. Isso porque, valendo-se do fantasma do *islamismo político*, os EUA passaram a apoiar, no Oriente Médio, regimes autocráticos ditatoriais praticamente dinásticos e movidos, com isso, tanto contra grupos nacionalistas quanto religiosos. Para que se tenha ideia do valor estratégico que tem o Egito nas políticas de poder norte-americanas, a ajuda econômica dispendida é superior à somatória da ajuda destinada a todos os demais países, excetuando-se, como já fora dito, Israel.

Com isso, já demos início a outra tarefa imprescindível: identificar seus protagonistas. Dentre tudo aquilo que as sociedades da chamada *Primavera Árabe* têm em comum, os movimentos que sediaram contam com a atuação de uma massa de jovens estudantes, universitários em sua maioria, somando-se nas ruas a muitos outros estratos sociais, perfis étnicos e faixas etárias distintas. Identidades diversas e não raras vezes apartadas, como cristãos e muçulmanos, solidarizaram-se frente ao inimigo comum da crise econômica aguda,

da violência dos agentes do Estado, da restrição de direitos e da corrupção; também é o que se pode dizer da participação das mulheres árabes, historicamente alijadas da vida política na vigência de costumes e tradições machistas em suas sociedades. Mas dizê-los jovens não é apenas uma forma de qualifica-los: trata-se de uma expressão demográfica e econômica de suma importância, isso porque no Egito a população com menos de 30 anos de idade constitui 63% do total, com horizontes econômicos bastante restritos num quadro em que 20 milhões de habitantes, cerca de um quarto da população egípcia, subsistem com menos de 2 dólares diários²².

O próprio estopim que desencadeou os primeiros protestos foi o assassinato de um jovem diplomado (em condições de subemprego), Khaled Said, espancado por policiais em Sidi Gaber, em Alexandria, e cujas imagens da face e corpo desfigurados causaram comoção em todo o Egito a ponto de ter inspirado o nome da página *El Mártir*, na rede social *Facebook*, por meio da qual foram feitas as primeiras convocatórias para o levante.

Por sua vez, a condição da juventude egípcia que ocupou as ruas reivindicando o fim da era Mubarak espelha as agruras da classe trabalhadora submetida a décadas de experimentos neoliberais, privatizações e o desmonte dos serviços públicos, culminando na catástrofe social que moveu um contingente bastante heterogêneo, mas identificado pelo recalçamento das restrições sociais, à revolução.

Enquanto a imprensa internacional, reproduzindo as matrizes de menos de uma dezena de agências de notícias, explicava a *Primavera Árabe* como um *castelo de cartas* que desmoronava, como se fosse plausível ruir um regime em função de outro e como se pudesse ter havido ali algum tipo de contágio político, os trabalhadores egípcios, sem pedir licença a teóricos e articulistas de qualquer natureza, eram movidos pelas mais brutais contradições de classe experimentadas na dureza de seu cotidiano, enquanto as contradições políticas também lhes eram há muito tempo sabidas, a começar pela fortuna de 50 a 70 bilhões de libras egípcias, equivalentes a cerca de 6,3 a 8,9 bilhões de dólares, acumulada pela família Mubarak²³ enquanto esteve a frente de três décadas de repressão, de supressão de direitos e de submissão aos interesses do capitalismo internacional, em especial às demandas das megacorporações que passaram a controlar sua economia. Na cúpula de seu governo e nos quadros dirigentes do *Partido Nacional Democrático*, os bilhões também se avolumam, contrastando nas ruas com a miséria e o desemprego: Ahmed Ezz, secretário do partido e

²² Cf.: COGGIOLA, Osvaldo; “Egipto y la Revolución Árabe”; *Aurora*, ano V, nº 7, Jan. 2011, p. 183.

²³ ELAASAR, Aladdin; “Egyptian rise against their pharaoh”; *Huffington Post (USA)*; 28 jan. 2011 (disponível no link: http://www.huffingtonpost.com/aladdin-elaasar/egyptians-rise-against-th_b_815520.html).

detentor de 60% do monopólio da indústria de aço, no Egito, soma a quantia de 18 bilhões de libras egípcias; já o ex-Ministro da Habitação, Ahmed Al-Maghraby, é dono de uma fortuna estimada em 11 bilhões; Zuhair Garrana, ex-Ministro do Turismo, ostenta 13 bilhões; seguido por Rashid Mohamed Rashid, ex-Ministro do Comércio e da Indústria, com 12 bilhões; e Habib al-Adly, ex-Ministro do Interior, com 8 bilhões²⁴.

Mas as contradições são ainda mais antigas. Desde a derrubada da monarquia egípcia, há 60 anos, os três presidentes subsequentes haviam sido paridos pelo Exército: Gamam Abdel Nasser, Anuar Sadat e Hosni Mubarak, resultando naquilo que Coggiola identificou como uma composição entre *nacionalismo burguês* e *militarismo* que, nas eras Sadat e Mubarak, estiveram dispostos às reformas neoliberais e, com isso, a serviço do imperialismo.²⁵ Enquanto empresas multinacionais como a *General Motors*, *IBM*, *Shell* e *McDonalds* - ocidentais por excelência -, contribuía para que o trabalhador mediano egípcio ganhasse míseros 100 dólares por mês (em linhas gerais, cerca de 40% dos egípcios estão abaixo da linha da pobreza), enfim a hiperexploração, o desemprego (que nas últimas duas décadas flutuou de 8% a 12%²⁶) e a miséria a que estava submetida a classe trabalhadora chegou à juventude universitária, recém-titulada e, em grande número, pós-graduada, percebendo-se estudantes, bacharéis, mestres e doutores com quase nula perspectiva de inserção profissional. De acordo com o *Peterson Institute for International Economics*, o risco de ficar desempregado, no Egito, é 10 vezes maior para aqueles que completaram o ensino superior do que para aqueles que cursaram apenas a educação básica²⁷. O próprio governo egípcio, por meio da *Agência Central Egípcia para a Mobilização Pública e Estatística*, chegou à conclusão de que 43% dos egípcios desempregados eram portadores de diploma universitário²⁸, evidenciando o fracasso das políticas neoliberais e a flagrante decadência do capitalismo internacional, em crise pelo menos desde 2008; mesmo ano em que no Egito, aos 6 de abril, foi deflagrada a *Revolta do Pão*. O 6 de abril tornou-se, por este motivo, nome do mais ativo grupo de manifestantes que ocuparam as praças *Tahrir* e *Rabaa*, em 2011 e em 2013.

E se as manifestações espelham a condição de penúria da classe trabalhadora egípcia, a crise egípcia espelha o abismo da crise do capitalismo mundial, com o barril de petróleo

²⁴ "How did Egypt become so corrupt? - Inside Story"; *Al Jazeera*; 9 fev. 2011 (disponível no sítio: <http://www.aljazeera.com/programmes/insidestory/2011/02/201128111236245847.html>).

²⁵ COGGIOLA, Osvaldo; Op. Cit. p. 184.

²⁶ KOROTAYEV, Andrey V.; ZINKINA, V. Julia; "Egyptian Revolution: a demographic structural analysis"; *Entelequia* - Revista Interdisciplinar, nº 13, Málaga, Primavera de 2011, p. 144.

²⁷ "The long-term economic challenges Egypt must overcome"; *Marketplace*; 1º fev. 2011 (disponível no sítio: <http://www.marketplace.org/2011/02/01/world/new-egypt/long-term-economic-challenges-egypt-must-overcome>).

²⁸ *Ibid.* P. 168.

superando, em 2011, os 100 dólares (abrindo, com isso, uma nova etapa de especulações), e a repercussão imediata da queda de 10% da Bolsa de Valores do Cairo sobre os títulos negociados nas bolsas de Nova Iorque, Londres, Paris e Tóquio.

A resposta dada pelo governo de Mubarak às primeiras grandes manifestações de 2011, no Cairo, Alexandria, Mahalla, Suez e outras cidades, incluso o toque de recolher das 18 às 7 horas; a prisão domiciliar de Mohamed ElBaradei; o bloqueio ao acesso, em todo o país, à rede mundial de computadores; a expulsão da rede de TV *Al Jazeera* das instalações retransmissoras controladas pelo Estado; e a truculência dos agentes anti-distúrbios da polícia egípcia; não foi apenas inócua segundo os interesses do governo, senão adicionou mais combustível à fórmula que já era explosiva.

Em seguida, vieram as ordens que produziram o massacre da *Sexta-feira sangrenta*, no dia 28 de janeiro de 2011. Totalizando mais de 150 mortos, mais de mil prisões e incontáveis feridos pela selvageria policial, a repressão produziu tamanha comoção que contingentes cada vez maiores se juntaram às manifestações e à ocupação das principais praças das cidades egípcias, com centralidade na *Praça Tahrir*, para onde se voltaram os olhos de analistas políticos, manifestantes egípcios e de outros países em convulsão política e social e jornalistas de todo o mundo.

A visibilidade ganha produziu como contra resposta, por parte das forças policiais, a intimidação, o espancamento e a destruição de equipamentos de jornalistas, no intuito de impedir que os registros da violência ultimada pelos agentes do Estado chegassem às agências de notícias, o que dera ainda maior notoriedade à carniceria do já insustentável regime.

No entanto, entre os massacres de 2011 e de 2013 registra-se uma notável diferença na composição dos contingentes que ocuparam as ruas e praças das principais cidades egípcias, com isso, daqueles que foram massacrados pelas forças do Estado e seus apoiadores: quando o reclame era pela destituição do regime de Mubarak, a *Irmandade Muçulmana*, por meio de seu líder, Mohamed Badía, orientou seus fiéis a não apoiar atos que, para ele, atentavam contra a ordem pública, atribuindo as manifestações a *radicais islâmicos* desejosos por tomar o poder e que não poderiam ser confundidos com a *Irmandade*. Em 2013, seus membros é que seriam, maiormente, perseguidos e chacinados nas praças e ruas do Cairo e de outras cidades egípcias.

Isso porque, como vimos, desde 2011 a *Irmandade Muçulmana*, junto de ElBaradei, compôs o comitê de dez líderes que constituiu a oposição política que reivindicava, de Mubarak, uma transição pacífica que dependeria de sua aquiescência em deixar o poder e exilar-se, sem pagar pelos crimes que cometeu, em algum recôndito do planeta. Logo, nos massacres de

2011, o que identificava as vítimas era sua condição de trabalhadores em luta, para além de quaisquer outros referenciais, étnicos ou religiosos.

De igual forma, não se pode confundir a liderança oposicionista de ElBaradei com os reclames da classe trabalhadora, é o que afirma Coggiola ao recuperar as declarações de Naguid Sawiris, membro de uma das famílias mais ricas de todo o Egito e executivo de uma das maiores multinacionais em atividade na região, vocalizando o entendimento de boa parte de seus pares: “*con El Baradei, el mundo de los negocios tendría un verdadero interlocutor*”²⁹.

Após a *Sexta-feira sangrenta*, o regime de Mubarak arrefeceu a repressão tentando minimizar o desgaste político produzido pela difusão das notícias sobre o morticínio, reproduzidas nas páginas dos principais jornais e sítios de *internet* europeus e norte-americanos, bem como de telejornais no Ocidente.

As tentativas para manter-se no poder incluíram, no dia seguinte, uma reforma que conduziu ao cargo de Primeiro-Ministro Ahmed Mohamed Shaqif, general de aviação, à pasta do *Ministério do Interior* um diretor de instituições prisionais e, por fim, a inédita nomeação de um vice-presidente – inédita porque Mubarak havia governado, sozinho, desde que assumiu o poder em 1981. O agraciado foi Omar Suleimán, agente secreto que desde 1993 vinha dirigindo o *Serviço de Inteligência Egípcio* e que, segundo a revista *Foreign Policy*, era naquele momento o mais poderoso coordenador de agências de inteligência de todo o Oriente Médio.

Nas ruas, o sangue dos massacrados da *Praça Tahrir* foi um dos componentes mais importantes para a deflagração da rebelião que, por fim, derrubou o regime de Mubarak. Senão, vejamos: o massacre ocorrera na sexta-feira, dia 28; no sábado, dia 29, Mubarak tentou a reorganização de todo o seu gabinete de governo, enquanto a agência *Reuters* confirmava mais 2 mil feridos³⁰; no domingo, dia 30, enquanto a rede *Al Jazeera* reportava a morte de 150 manifestantes³¹ e eram realizados os funerais dos mortos durante a *Sexta-feira sangrenta*, a resposta dos insurgentes foi a destruição da sede do *Partido Nacional Democrático*, de onde provinha a maior parte do antigo e do novo gabinete (incluindo Mubarak); na segunda-feira, dia 31, as ocupações nas praças e ruas das principais cidades do país foram ainda mais adensadas e, por fim, no dia 1º de fevereiro, terça-feira, atingiu-se o ponto mais alto da rebelião, com a chamada para a *Marcha de um milhão* que pode ter reunido, estima-se, o dobro deste contingente, com faixas em punho e palavras de ordem que exigiam o fim do regime,

²⁹ COGGIOLA, Osvaldo; Op. Cit. p. 186.

³⁰ “Update 1 – Death toll in Egypt’s protests tops 100 – Sources”; *Reuters*; 29 jan. 2009 (disponível no sítio: <http://www.reuters.com/article/egypt-dead-idAFLDE70S0LX20110129>).

³¹ TOMASEVIC, Goran; “Curfew hours extended in Egypt as turmoil continues”; *Sputnik News*; 31 jan. 2011 (disponível no sítio: <http://sputniknews.com/world/20110130/162383449.html>).

espalhando-se as manifestações da *Praça Tahrir* até o centro do Cairo. Ao mesmo tempo, cerca de 200 mil manifestantes somaram suas vozes, àquelas bradadas desde o Cairo, a partir de Alexandria e Suez, que tiveram também praças e ruas tomadas. Apenas no dia 1º, foram registrados oficialmente de 125³² mortos, número que pode ter chegado a mais de 300 de acordo com a *Human Rights Watch*³³, contabilizando-se ainda em torno de 3 mil feridos.

Tentando conter a multidão, na mesma noite e em pronunciamento oficial, Mubarak comprometeu-se a não apresentar candidatura para o pleito presidencial previsto para setembro, enquanto no dia seguinte, com a praça ocupada por um contingente de manifestantes muitas vezes menor, forças policiais contra-atacaram deixando centenas de feridos, um número impreciso de mortos e, por fim, logrando o Exército desocupá-la sob a (falsa) justificativa de que as demandas dos manifestantes teriam sido contempladas com as declarações de Mubarak. Era o que ElBaradei denunciara, de imediato, como a *tática do terror*.

Ocorre que o aprendizado político alcançado durante 9 dias de ocupação e com os enfrentamentos contra o mais brutal da selvageria policial culminaram na abertura de uma nova etapa do processo revolucionário egípcio. E o que se esperava, aconteceu: a *Praça Tahrir* foi reocupada enquanto o regime de Mubarak parecia cada vez mais encaminhar-se para o fim.

No dia 11 de fevereiro, o 18º dia de manifestações, as forças sociais mobilizadas na *Praça Tahrir* já haviam criado condições para que a CSFA demovesse Mubarak do poder. O anúncio, feito em cadeia nacional de rádio e televisão às 18h, coube ao recém-empossado vice-presidente, Omar Suleimán, e a revolução egípcia chegou mesmo a parecer ter cumprido sua primeira etapa e que, para a multidão que festejava na *Praça Tahrir* e ruas de todo o Egito, as Forças Armadas se limitariam a promover uma transição democrática e pacífica, cumprindo um papel que, historicamente, jamais teve.

O cômputo final desta fase é de 846 mortos, na sua avassaladora maioria chacinados durante as manifestações na *Praça Tahrir* e ruas das principais cidades egípcias pelas forças de segurança do governo, além de mais de 6 mil feridos³⁴. O grau de identificação da violência policial com o massacre dos jovens manifestantes fica também demonstrado pela contra resposta dos insurgentes, que fizeram arder em chamas mais de 90 estações policiais em todo

³² Cf.: “Egypt Crisis: country braced for ‘March of a Million’”; *The Daily Telegraph (UK)*; 31 jan. 2011 (disponível no [sítio: http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/africaandindianocean/egypt/8293442/Egypt-crisis-country-braced-for-march-of-a-million.html](http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/africaandindianocean/egypt/8293442/Egypt-crisis-country-braced-for-march-of-a-million.html)).

³³ WILLIAMS, Carol J.; “Egypt: Rights Advocates report protest death toll as high as 300”; *Los Angeles Times*; 1 fev. 2011 (disponível no [sítio: http://latimesblogs.latimes.com/babylonbeyond/2011/02/egypt-rights-advocates-report-protest-death-toll-as-high-as-300.html](http://latimesblogs.latimes.com/babylonbeyond/2011/02/egypt-rights-advocates-report-protest-death-toll-as-high-as-300.html)).

³⁴ “Egypt: Cairo’s Tahrir Square fills with protesters”; *BBC*; 8 jul. 2011 (disponível no [sítio: http://www.bbc.com/news/world-middle-east-14075493](http://www.bbc.com/news/world-middle-east-14075493)).

o país³⁵.

Estão dados, com isso, os atores no palco dos massacres de 2011 e que se reapresentariam nos morticínios de 2013; para Coggiola, em texto de 2011, *“los EEUU (con su aliado Israel), la variopinta ‘oposición’ egípcia, el Ejército, las masas en rebelión: esos son los protagonistas de la crisis revolucionaria actual, los demás son cadáveres en grados variados de descomposición, Unión Europea incluida.”*³⁶

Depois de abortada a revolução e o massacre da Irmandade Muçulmana

Até as eleições presidenciais de maio e junho de 2012, a cidade do Cairo e, mais especificamente, a *Praça Tahrir* tornaram-se destino turístico obrigatório de dignidades políticas do mundo livre interessados em *abençoar a nova democracia egípcia* e, como que numa vitrine exposta para a mídia internacional, ganhar para si parte do capital político ali imantado. O desfile de celebridades incluiu, entre outros: Catherine Ashton, representando a União Europeia; David Cameron, Primeiro-Ministro britânico; Hillary Clinton, Secretária de Estado dos EUA; John Kerry, Senador norte-americano; Kevin Rudd, Ministro de Relações Exteriores da Austrália; e... Sean Penn!³⁷

Mas o momento que muitos caracterizaram como *pós-revolucionário* fez soprar ventos muito distintos daqueles anunciados desde o Ocidente. A começar pelo anúncio feito por Mohamed Hussein - a frente do CSFA -, aos 13 de fevereiro, que suspendia a constituição e fechava as duas casas do congresso egípcio. No pacote de medidas, ficava ainda estabelecido que a junta militar governaria o Egito por 6 meses ou até que novas eleições pudessem ser realizadas. E enquanto o CSFA se acomodava às mais altas estruturas de poder no Egito, os manifestantes que outrora ocupavam a *Praça Tahrir* limpavam e restauravam seus canteiros e monumentos.

Quanto ao gabinete presidencial anterior, sob os auspícios do Primeiro-Ministro Ahmed Shafiq, seria mantido provisoriamente até que outro pudesse ser constituído; e o gabinete provisório só durou mesmo até o dia 3 março, quando Shafiq anunciou sua renúncia formal em favor do CSFA. Em seu lugar, a junta militar apontou o então Ministro dos Transportes, Essam Sharaf.

O clamor por justiça e a certeza de que os crimes de Mubarak e sua cúpula seguiriam impunes, levou grupos que tiveram participação decisiva nos protestos da *Praça Tahrir* a invadirem

³⁵ “Was the Egyptian revolution really non-violent?”; *Egypt Independent*, 24 jan. 2012 (disponível no link: <http://www.egyptindependent.com/news/was-egyptian-revolution-really-non-violent>).

³⁶ Op. Cit. p. 189.

³⁷ “David Cameron meets locals around Cairo’s Tahrir Square”; *BBC News*, 21 fev. 2011 (disponível no sítio: <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12525310>).

quartéis do *Serviço de Inteligência Egípcio*, no dia 5 de março, em Alexandria e em Nasr City, distrito do Cairo. As ações possibilitaram a captura de documentos que comprovavam os crimes do governo Mubarak e de seu serviço de inteligência como prisões arbitrárias, torturas e assassinatos contra o povo egípcio³⁸.

Com a memória dos massacres vívida na enlutada sociedade egípcia, no dia 24 de maio de 2011, Mubarak foi oficialmente acusado pelo assassinato premeditado de manifestantes durante protestos pacíficos, num processo judicial que se estenderia por todo o ano e que acabou ocupando o debate político egípcio até as eleições.

E como o governo militar, empossado graças às mobilizações de massa envolvendo, sobretudo, a classe trabalhadora e estudantil, conduziu o Estado egípcio até as eleições? Revelando ter montado a revolução como se monta um cavalo a galope: começou por promulgar nova lei, no dia 23 de março, criminalizando protestos, greves e paralizações, tanto no setor público quanto privado, sob pena de multa e até mesmo prisão, e isto *em defesa da revolução*.

A manutenção de aspectos graves do regime anterior por parte do conselho que passara a governar o Egito, fez com que novamente manifestantes ocupassem a *Praça Tahrir*, chegando a 4 mil pessoas no dia 1º de abril e que clamavam para que fossem levados à Justiça, a fim de pagarem por seus crimes, o ex-Presidente Hosni Mubarak, seu filho, Gamal Mubarak (que se preparava para suceder o pai), Ahmed Fathi Sorour (ex-Presidente do Parlamento Egípcio), Safwat El-Sherif (ex-Secretário Geral do *Partido Nacional Democrático*) e Zakaria Azmi (ex-Deputado e Chefe de Gabinete).

Durante toda a semana, mais manifestantes se concentraram na *Praça Tahrir* passando a exigir a renúncia de figuras remanescentes do governo deposto, em especial do Procurador Geral do Estado. Do dia 8 de abril (o dia da *Sexta-feira da Faxina*) até o dia 27 (a *Segunda Sexta-feira sangrenta*), não apenas a *Praça Tahrir* concentrava as manifestações, essas já haviam se alastrado pelas praças e ruas de Alexandria, Suez, Ismailia e Gharbeya. Às reivindicações foram adicionados a suspensão dos julgamentos militares de civis, presos nas manifestações; a restauração da Constituição egípcia antes de realizadas eleições parlamentares e o julgamento imediato de todos os assassinos e torturadores do regime de Mubarak, envolvidos nos massacres de 2011. Os protestos adentraram os meses de junho a setembro, com centenas de militantes presos e graus crescentes de violência por parte das forças policiais.

No dia 9 de outubro ocorreu o primeiro morticínio desta nova fase, durante protestos pacíficos sediados às margens do Rio Nilo e defronte ao suntuoso edifício *Maspero*, sede da

³⁸ LEITHEAD, Alastair; "Egyptians demand secret police give up torture secrets"; *BBC News*; 9 mar. 2011 (disponível no link: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-12674714>).

Rádio Egípcia e da *União Televisiva*. Ali, manifestantes que exigiam a dissolução do CSFA foram brutalmente atacados por forças policiais que mataram 25 pessoas e feriram mais de 200³⁹.

A onda de violência retornou à *Praça Tahrir* no dia 19 de novembro, quando sob ordens do CSFA a polícia utilizou gás enervante contra a população civil, espancando manifestantes e realizando centenas de detenções arbitrárias. No dia seguinte, após lograr desocupar a praça, o dobro de manifestantes retornou demonstrando que sua formação política, conseguida intensivamente nos dias de luta em 2011, estava muitíssimo vívida em sua memória.

Neste contexto extremamente conturbado é que ocorreram, de 28 de novembro de 2011 a 11 de janeiro de 2012, eleições parlamentares; empossada a deputação eleita, pelo CSFA, no dia 23 de janeiro.

Quanto ao pleito presidencial, este fora realizado em dois turnos (23 e 24 de maio e 16 e 17 de junho) e dotado de um importantíssimo significado histórico para o povo egípcio: tratava-se da primeira eleição livre do país uma vez que os sufrágios anteriores teriam sido, todos, manipulados, *mise-en-scène* para a permanência de Mubarak no poder⁴⁰. Numa disputa muitíssimo acirrada, sagrou-se vitorioso no segundo turno o candidato dos islamitas, Mohamed Morsi, do *Partido da Liberdade e da Justiça*, com 51,73% dos votos válidos; contra 48,27% dos votos depositados na candidatura independente de Ahmed Shafiq⁴¹.

E foi entre o primeiro e o segundo turno que o tribunal que julgava os crimes praticados por Mubarak pronunciou sua sentença. Apesar de poder ter sido sentenciado com a pena capital, acabou condenado, junto de Habib al-Adli – ex-Ministro do Interior - à prisão perpétua no dia 2 de junho de 2012, por cumplicidade no assassinato de mais de 800 manifestantes em 2011, durante os 6 primeiros dias da revolução, sentença que em março de 2017, em fase de apelação, fora reformada, absolvendo-o definitivamente de responsabilidades pela morte de manifestantes no ano de 2011. Ao passo da condenação, em primeira instância, do ex-Presidente e de um de seus ministros, 6 oficiais da polícia egípcia, sob os quais pesavam graves evidências de participação nos massacres, foram absolvidos.

³⁹ "Death toll rises in Egypt Christian clashes as tension continues"; *CNN*; 11 out. 2011 (disponível no link: <http://religion.blogs.cnn.com/2011/10/10/death-toll-rises-in-egypt-christian-clashes-as-tension-continues/>).

⁴⁰ Durante os 30 anos de governo, Mubarak venceu 5 eleições presidenciais consecutivas, com expressiva maioria. Em apenas uma delas houve candidato opositor inscrito, trata-se de Ayman Nour, preso antes mesmo das eleições de 2005, Cf.: "Final Report: Assessment of the electoral framework in the Arab Republic of Egypt"; *Democracy Reporting International and Egyptian Organization for Human Rights*, 2007 (disponível no link: http://www.democracy-reporting.org/files/dri_egypt.pdf).

⁴¹ "Candidato da Irmandade Muçulmana vence eleição presidencial no Egito"; *G1*; 24 jun. 2012 (disponível no sítio: <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2012/06/candidato-da-irmandade-muculmana-vence-eleicao-presidencial-no-egito.html>).

Da vitória do primeiro candidato islamista em um Estado árabe, até o anúncio formal do resultado das eleições e sua posse, nos dias 13 e 14 de junho o CSFA agiu a fim de preparar sua participação no novo governo: enquanto o *Ministério da Justiça* delegou autoridade para que militares prendessem civis e submetessem-nos a tribunais militares, a *Suprema Corte Constitucional Egípcia* dissolvia o parlamento e delegava ao CSFA, mais uma vez, a autoridade legislativa.

No dia 24 de junho, a *Comissão Eleitoral* anunciou a vitória do candidato da *Irmandade Muçulmana* e, 6 dias depois, Morsi assumia o poder contando com a oposição de muitos dos setores que, anteriormente, apoiavam o regime de Mubarak, sem apoio das Forças Armadas, tendo o CSFA como inimigo e para o desgosto de EUA e Israel, para quem a supressão da militância islâmica na política egípcia era uma pré-condição para a cooperação. Desta maneira, Morsi tentou equilibrar-se numa estrutura altamente instável e sem condições mínimas de governabilidade.

Empossada uma nova assembleia constituinte, no dia 22 de novembro Morsi divulgou uma declaração em que fazia defesa dos trabalhos parlamentares que erigiriam uma nova constituição egípcia, estendendo-os por mais 2 meses enquanto seus opositores denunciavam seu caráter autocrático. Na polêmica declaração, Morsi determinava ainda a realização de novos julgamentos para os torturadores e assassinos que teriam participado dos massacres de 2011 e, por fim, o documento o autorizava a *tomar quaisquer medidas em defesa da revolução*⁴².

O primeiro a abrir fogo contra a declaração foi ElBaradei, líder então do *Partido Constitucional* e cuja defesa pela dissolução da assembleia constituinte foi ecoada pela multidão que, no dia 27 de novembro, mais uma vez se aglomerava na *Praça Tahrir* e sobre os quais o novo regime ordenou a já costumeira repressão policial.

Um ano depois de sua posse, no dia 29 de junho de 2013, opositores do governo de Morsi desencadearam novas manifestações e, no dia seguinte, espalhavam-se da *Praça Tahrir* para outras 17 localidades na cidade do Cairo. As condições estavam dadas para que, mais uma vez, as Forças Armadas se valessem do clamor produzido nas ruas e, no dia 3 de julho, o General Abdul Fatah al-Sisi, a frente do CSFA, depusesse o presidente democraticamente eleito, empossando como presidente interino o jurista aposentado Adly Mansour. Como sabemos, em março de 2014, el-Sisi pediria sua reserva do Exército e, em maio, seria eleito presidente do Egito – forma institucional e *democrática* para a manutenção da cúpula do CSFA

⁴² “Rallies for, against Egypt president’s new powers”; *The Seattle Times*; 23 nov. 2012 (disponível no sítio: <http://www.seattletimes.com/nation-world/rallies-for-against-egypt-presidents-new-powers/>).

no poder.

Não apenas a sociedade egípcia estaria dividida, dali por diante; a imprensa internacional reproduziu o mesmo impasse na disputa semântica que se deu sobre a interpretação do que ocorrera naqueles dias. Enquanto a *CNN* denunciava pelo menos 26 mortes e em torno de 850 feridos, durante e depois do que chamara de *golpe de estado* dado pelas Forças Armadas⁴³, e a *Al Ahrām* divulgava a nota condenatória do governo turco sobre os assassinatos que se seguiram à tomada, pela força, do poder no Egito⁴⁴; a agência *Deutsche Welle* e o renomado jornal *The Guardian* diziam de uma *nova revolução egípcia*⁴⁵.

Enquanto a imprensa discutia se teria ocorrido golpe ou revolução, as forças golpistas e anti-islâmicas dispensavam, nas ruas, violência brutal aos apoiadores do presidente deposto, sobretudo os membros da *Irmandade Muçulmana* que se aglomeravam nas ruas exigindo a recondução de Morsi à presidência e sobre os quais a violência se converteria em massacre. Muitos dos manifestantes e dos quadros da *Irmandade Muçulmana* ocupavam os arredores da mesquita de Rabaa al-Adawiya, bem como a praça al-Nahda, para onde foram deslocados destacamentos policiais, sob ordens de Hazem al-Beblawy, então Primeiro-Ministro, no intuito de reprimir qualquer tentativa de manifestação.

A nova onda de violência teria irrompido no dia 5 de julho, com protestos de massa eclodindo por todo o Egito e degradingolando para o conflito entre aqueles que apoiavam o golpe, junto das forças militares, contra islamitas que carregavam bandeiras, faixas e fotos de Morsi, exigindo sua recondução à presidência. Nesse quadro é que foram produzidas as 26 mortes e feridos mais de 850 manifestantes, segundo noticiado pela *CNN* no dia seguinte⁴⁶. A notícia ainda dava conta do assassinato de 5 manifestantes, mortos a tiros defronte ao quartel da *Guarda Republicana*, onde estaria detido o presidente deposto.

No dia 9 a contagem dos mortos defronte ao quartel da *Guarda Nacional* já era de 51 partidários de Morsi, na ação que a *Irmandade Muçulmana* já caracterizara como um massacre; enquanto as Forças Armadas justificavam as mortes dizendo terem reagido a tentativas de invasão da fortificação onde estava encarcerado o ex-presidente.

De acordo com a *Irmandade*, até o dia 27 de julho já teriam sido 176 mortos

⁴³ “26 dead, more than 850 wounded as post-coup violence hits Egypt”; *CNN*; 5 jul. 2013 (disponível no sítio: <http://edition.cnn.com/2013/07/05/world/meast/egypt-coup/>).

⁴⁴ “Turkey ‘strongly condemns’ Egypt killings”; *Al Ahrām*; 7 jul. 2013 (disponível no sítio: <http://www.yjc.ir/en/news/1588/turkey-strongly-condemns-egypt-killings>).

⁴⁵ “Revolution in Egypt again”; *Deutsche Welle*; 4 jul. 2013 (disponível no link: <http://www.dw.com/en/revolution-in-egypt-again/a-16928333>); “Mohamed Morsi ousted in Egypt’s second revolution in two years”; *The Guardian*; 3 jul. 2013 (disponível no link: <http://www.theguardian.com/world/2013/jul/03/mohamed-morsi-egypt-second-revolution>).

⁴⁶ “26 dead, more than 850 wounded as post-coup violence hits Egypt”; *Op. cit.*

pertencentes à organização religiosa, em assassinatos cometidos por forças policiais do governo interino que estariam utilizando munições letais contra manifestantes pró-Morsi, número contestado pelo *Ministério da Saúde* que reconheceu apenas o número de 21 pessoas mortas. Desmentindo os dados oficiais, a *France Press* atestou a existência de 37 cadáveres, alvejados por disparos de armas de fogo, em apenas um dos hospitais de campanha da *Irmadade Muçulmana*.

Claramente, as Forças Armadas, laicas, assumiam uma campanha aberta contra a *Irmadade Muçulmana* que classificavam como uma *organização terrorista*, provocando com isso a perda de apoio de inúmeros grupos muçulmanos que, até então, ainda apoiavam os militares. Uma das mais expressivas forças políticas do Egito, durante os mais de 80 anos de sua existência, a *Irmadade* jamais funcionou como uma organização armada.

No dia 14 de agosto, quarta-feira, o terror foi de fato liberado pelas forças de segurança do governo militar interino do Egito, quando tropas do Exército e da polícia atacaram premeditadamente dois acampamentos de membros da *Irmadade Muçulmana* e de apoiadores do presidente deposto, no Cairo, assassinando em poucas horas, com disparos de pistolas e fuzis, mais de 600 civis indefesos. No dia 16 de agosto, o massacre apareceu estampado na capa dos principais jornais e sites de agências de notícia, bem como noticiários televisivos, em todo o mundo. A manchete do jornal *Liberación* era *Massacre de Estado*, condenando o banho de sangue que permitiria comparar o regime, que contava com o apoio das principais potências do Ocidente, com a ditadura militarista da era Mubarak⁴⁷. Só não frisou o periódico que, durante 30 anos de igual brutalidade, o regime de Mubarak foi apoiado sem nenhum constrangimento por países ocidentais.

Os primeiros números informados pelo próprio governo egípcio davam conta de 525 mortos e 3.171 feridos, dados atualizados pelo *Ministério da Saúde* para 638 mortos e 3.994 feridos. Já a *Irmadade Muçulmana* declarou que o número de mortos poderia chegar a mil. Indubitavelmente, trata-se do dia mais sangrento de toda a história egípcia recente.

Entre o massacre e a repercussão que tivera na mídia internacional, no dia 15 de agosto o governo interino autorizou o uso de armas letais, pelas Forças Armadas, contra manifestantes, impôs toque de recolher e restabeleceu o *estado de emergência*; enquanto a *Irmadade Muçulmana* convocava o povo para mais uma *Sexta-feira sangrenta*. Os apoiadores do governo, anti-islamitas organizados na *Frente de Salvação Nacional* (que reunia a coligação de partidos que conspirou pela deposição de Morsi) também convocou seus membros para

⁴⁷ “Editorial: Un massacre est un massacre et l’indignation ne doit pas être sélective”; *Libération*; 16 ago. 2013 (disponível no sítio: <http://journal.liberation.fr/abonnes/publication/liberation/articles-list/2013-08-16/>).

ocuparem as ruas e enfrentarem os quadros da *Irmandade*. A nova onda de violência fomentada pelos militares fez reacender no Egito antigas hostilidades entre muçulmanos e cristãos ortodoxos (coptas), rerepresentando ao mundo conflitos políticos confundindo-se com conflitos religiosos.

A violência, após o massacre, tomou as ruas do Egito. Em represália, grupos *jihadistas* que não tinham o apoio formal da *Irmandade Muçulmana* incendiaram igrejas e postos policiais, tendo sido ainda acusados de terem invadido e depredado casas de famílias cristãs e de apoiadores do regime militar, em alguns casos incendiando-as, violentando e matando seus moradores. Os números divulgados pelo CSFA são de 500 policiais e militares do Exército mortos; dados que foram utilizados para que o governo declarasse a *Irmandade Muçulmana* uma organização terrorista e colocassem-na na clandestinidade, perseguindo à morte seus quadros.

De acordo com as denúncias feitas pela *Irmandade*, foram mais de mil manifestantes mortos e um número incalculável de feridos nesta fase, seguida por detenções e julgamentos em massa, calculando-se em torno de 15 mil encarceramentos e julgamentos sumários que culminaram em centenas de condenações à morte.

No dia 20, o líder supremo da *Irmandade Muçulmana*, Mohamed Badie, acompanhando o destino de dezenas de quadros da frátria, foi preso pela polícia egípcia em Nasr City, próximo ao acampamento que há poucos dias sediara um dos mais brutais massacres da história egípcia moderna. Dezenas foram os julgamentos realizados contra os quadros dirigentes da *Irmandade* e 10 deles, junto de Badie, foram condenados à morte⁴⁸ sob a acusação de terem incitado manifestações violentas, em julho de 2013, por todo o Egito, somando-se ainda a pena de prisão perpétua junto de outros 36 islamitas, por acusações semelhantes. Dentre os condenados estão ainda Mohamed al-Beltagui, diretor da *Irmandade Muçulmana*, e Safwat Hegazy, importante liderança religiosa.

A perseguição assumiu também a forma judicial e, no dia 23 de setembro de 2013, todas as atividades organizadas pela *Irmandade* foram banidas do Egito, bem como seus bens congelados, com a cassação da autorização que lhe permitia funcionar como *organização não-governamental*.

El-Sisi empenhou-se até onde pôde para cumprir o que prometera desde que o CSFA tomou o poder, à força, em 2013: pôr fim à *Irmandade Muçulmana* no Egito. As identidades, nos massacres daquele ano, teriam um componente fundamentalmente distinto daqueles perpetrados em 2011: o religioso; mas não em razão de contendas que possam ser explicadas

⁴⁸ Contra Mohamed Badie pesaram duas condenações à morte pela Suprema Corte Egípcia.

apenas nesta chave, dado que a *Irmandade Muçulmana* era, sobretudo, uma força política das mais expressivas naquele cenário, inscrevendo conteúdos claramente anti-imperialistas que carregavam traços ainda de um nacionalismo que, até ali, supusera-se superado, visto pelas elites militares comprometidas com os interesses do imperialismo como um elemento gravemente nocivo.

Considerações finais

E para os trabalhadores e estudantes egípcios, o que teria mudado entre 2011 e 2013? Se sua situação espelha a crise econômica egípcia, sobredeterminada pela crise do capitalismo mundial, a transição política não levou a nenhum tipo de ruptura com a agenda neoliberal aprofundada por Mubarak, tanto que o novo governo não fora apenas ovacionado por homens de negócio, jornalistas econômicos e saudado pela classe política ocidental, senão qualificado como continuador das *boas políticas* (para quem?) de seu antecessor: *“Notably, new Egyptian government that came to power as a result of the revolution [sic] promised that it ‘would not retreat from economic reform or change the basic economic philosophy it has followed since it adopted a liberal reform programme in 2004, thus admitting that the economic policy of Mubarak’s administration was essentially correct [sic]”*⁴⁹.

Por que e pelo que morreram então os jovens da *Praça Tahrir* e *Rabaa*? O sentido de revolução não pode restringir-se pura e simplesmente aos elementos da superestrutura política, sem que afete o plano da cultura e das mentalidades e, sobretudo, as relações de exploração que habitam a infraestrutura econômica onde a força social que moveu as principais realizações entre 2011 e 2013 segue distante de sua emancipação. Não que as realizações, no plano político e mesmo ideológico (com o aprendizado político feito e a consciência ganha) tenham sido poucas, mas a revolução social, que só se realiza com a mudança brusca da totalidade da vida social – como um salto para outra dimensão -, no Egito, fora abortada pelas Forças Armadas e as mudanças, por quão significativas tenham sido, uma vez operadas do alto dos mais altos edifícios políticos da institucionalidade egípcia, serviram para que na infraestrutura econômica tudo seguisse como antes estava.

Bibliografia

⁴⁹ KOROTAYEV, Andrey V.; ZINKINA, V. Julia; Op. cit., p. 142.

“26 dead, more than 850 wounded as post-coup violence hits Egypt”; *CNN*; 5 jul. 2013 (disponível no sítio: <http://edition.cnn.com/2013/07/05/world/meast/egypt-coup/>).

AL-ANANI, Khalil; MALIK, Maszlee; "Pious way to politics: the rise of political Salafism in Post-Mubarak Egypt"; *Digest of Middle East Studies*, Vol. 22, nº 1, Washington, Primavera 2013, p. 57–73.

ALI, Amir; "The power of social media in developing nations: new tools for closing the global digital divide and beyond"; *Harvard Human Rights Journal*, Vol. 24, nº 1, Cambridge, 2011, p. 185–189, 208–210.

“Arab protests unconcerned with ideology”; *The New York Times*; 31 jan. 2011.

BRADLEY, John R. *The land of the pharaohs on the brink of a revolution*. Londres: Verso, 2008.

_____. *Inside Egypt: the Land of the Pharaohs on the brink of a revolution*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

"Candidato da Irmandade Muçulmana vence eleição presidencial no Egito"; G1; 24 jun. 2012 (disponível no sítio: <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2012/06/candidato-da-irmandade-muculmana-vence-eleicao-presidencial-no-egito.html>).

“Candidato no Egito, ElBaradei denuncia 'massacre' na Praça Tahrir”; G1, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília *et al*, 22 Nov. 2011 (disponível no link: <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2011/11/candidato-no-egito-elbaradei-denuncia-massacre-na-praca-tahrir.html>).

CAÑO, Antonio; “La Casa Blanca exige al régimen una transición ordenada hacia la democracia”; *El País*, Madrid, 31 jan. 2011.

CHRÉTIEN, Maxime. *Historia del Egipto moderno*. Barcelona: Vergara, 1985.

COGGIOLA, Osvaldo; “Egipto y la Revolución Árabe”; *Aurora*, ano V, nº 7, Jan. 2011.

“David Cameron meets locals around Cairo’s Tahrir Square”; *BBC News*, 21 fev. 2011 (disponível no sítio: <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12525310>).

“Death toll rises in Egypt Christian clashes as tension continues”; *CNN*; 11 out. 2011 (disponível no link: <http://religion.blogs.cnn.com/2011/10/10/death-toll-rises-in-egypt-christian-clashes-as-tension-continues/>).

“Editorial: Un massacre est un massacre et l’indignation ne doit pas être sélective”; *Libération*; 16 ago. 2013 (disponível no sítio: <http://journal.liberation.fr/abonnes/publication/liberation/articles-list/2013-08-16/>).

“Egipto, contagio explosivo”; *La jornada*; México, 27 jan. 2011.

“Egypt: Cairo’s Tahrir Square fills with protesters”; *BBC*; 8 jul. 2011 (disponível no sítio: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-14075493>).

“Egypt: Keep promise to free detainees by end of June: Joint Statement”; *Amnesty International*; 29 jun. 2010 (disponível no sítio: <https://www.hrw.org/news/2010/06/29/egypt-keep-promise-free-detainees-end-june>).

“Egypt Crisis: country braced for ‘March of a Million’”; *The Daily Telegraph (UK)*; 31 jan. 2011 (disponível no sítio: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/africaandindianocean/egypt/8293442/Egypt-crisis-country-braced-for-march-of-a-million.html>).

“Egypt protesters step up pressure on Hosni Mubarak”; *BBC News*; 31 jan. 2011 (disponível no sítio: <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12320959>).

“Egyptian Police sued for boy’s death”; *BBC News*; 13 Ago. 2007 (disponível no link: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/6943704.stm>).

“Egyptians report poor communication services on Day of Anger”; *Egypt Independent*; 25 jan. 2011 (disponível no sítio: <http://www.egyptindependent.com/news/egyptians-report-poor-communication-services-day-anger>).

ELAASAR, Aladdin; “Egyptian rise against their pharaoh”; *Huffington Post (USA)*; 28 jan. 2011 (disponível no link: http://www.huffingtonpost.com/aladdin-elaasar/egyptians-rise-against-th_b_815520.html).

“Elbaradei denuncia ‘massacre’ na Praça Tahrir”; *TDF Rádio Notícias*, Lisboa, 23 Nov. 2011 (disponível no link: www.tsf.pt/Paginalnicial/Interior.aspx?content_id=2142504).

EL-MAHDI, Rabab; MARFLEET, Philip (eds). *Egypt: the moment of change*. London: Zed, 2009. FAHMY, Ziad. *Ordinary Egyptians: creating the modern nation through popular culture*. Stanford: Stanford University Press, 2011.

“Final Report: Assessment of the electoral framework in the Arab Republic of Egypt”; *Democracy Reporting International and Egyptian Organization for Human Rights*, 2007 (disponível no link: http://www.democracy-reporting.org/files/dri_egypt.pdf).

FISK, Robert; “A people defies its dictator, and a nation’s future is in the balance”; *The Independent*, Londres, 29 jan. 2011.

GARCÍA, Bernabé López. *El mundo árabo-islámico contemporáneo*. Madrid: Síntesis, 1997.

HAYEK, F.A. *O caminho da servidão*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

“How did Egypt become so corrupt? - Inside Story”; *Al Jazeera*; 9 fev. 2011 (disponível no link: <http://www.aljazeera.com/programmes/insidestory/2011/02/201128111236245847.html>).

HULAND, Gabriel; “Egito: greves operárias se expandem pelo país”; *LIT-CI*, 18 dez. 2015 (disponível no sítio: <http://litci.org/pt/mundo/oriente-medio-mundo/egito/egito-greves-operarias-se-expandem-pelo-pais/>)

JANKOWSKI, James. *Egypt: a short history*. Oxford: Oneworld Publications, 2000.

KOROTAYEV, Andrey V.; ZINKINA, V. Julia; “Egyptian Revolution: a demographic structural analysis”; *Entelequia* - Revista Interdisciplinar, nº 13, Málaga, Primavera de 2011, p. 139–169.

LEITHEAD, Alastair; “Egyptians demand secret police give up torture secrets”; *BBC News*; 9 mar. 2011 (disponível no link: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-12674714>).

“Live blog 31/1 – Egypt protests”; *Al Jazeera News*; 31 jan. 2011 (disponível no sítio: <http://blogs.aljazeera.com/blog/middle-east/live-blog-311-egypt-protests>).

“Mohamed Morsi ousted in Egypt’s second revolution in two years”; *The Guardian*; 3 jul. 2013 (disponível no link: <http://www.theguardian.com/world/2013/jul/03/mohamed-morsi-egypt-second-revolution>).

“Protesters flood Egypt streets”; *Al Jazeera News*; 1º Fev. 2011 (disponível no sítio: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/2011215827193882.html>).

“Rallies for, against Egypt president’s new powers”; *The Seattle Times*; 23 nov. 2012 (disponível no sítio: <http://www.seattletimes.com/nation-world/rallies-for-against-egypt-presidents-new-powers/>).

“Revolution in Egypt again”; *Deutsche Welle*; 4 jul. 2013 (disponível no link: <http://www.dw.com/en/revolution-in-egypt-again/a-16928333>).

RUTHERFORD, Bruce. *Egypt after Mubarak: Liberalism, Islam, and Democracy in the Arab World*. Princeton: Princeton University Press, 2008.

SAFIEDDINE, Hicham; “Tomorrow’s Tunis and Egypt: reform or revolution?” *The Bullet*, nº 457, 1º fev. 2011.

TADROS, Mariz. *The Muslim Brotherhood in Contemporary Egypt: democracy defined or confined?* London: Routledge, 2012.

“The long-term economic challenges Egypt must overcome”; *Marketplace*; 1º fev. 2011 (disponível no link: <http://www.marketplace.org/2011/02/01/world/new-egypt/long-term-economic-challenges-egypt-must-overcome>).

TOMASEVIC, Goran; “Curfew hours extended in Egypt as turmoil continues”; *Sputnik News*; 31 jan. 2011 (disponível no sítio: <http://sputniknews.com/world/20110130/162383449.html>).

“Turkey ‘strongly condemns’ Egypt killings”; *Al Ahram*; 7 jul. 2013 (disponível no sítio: <http://www.yjc.ir/en/news/1588/turkey-strongly-condemns-egypt-killings>).

“Update 1 – Death toll in Egypt’s protests tops 100 – Sources”; *Reuters*; 29 jan. 2009 (disponível no sítio: <http://www.reuters.com/article/egypt-dead-idAFLDE70S0LX20110129>).

“Update on the size of the Egyptian Protests”; *Stratfor*; 1º fev. 2011 (disponível no sítio: <https://www.stratfor.com/sample/analysis/gauging-size-egyptian-protests>).

VALENZUELA, Joaquim; “Enterrar a la momia”; *El País*; Madrid, 1º fev. 2011.

VATIKIOTIS, Panayiotis J. *The History of Modern Egypt*. Baltimore: Johns Hopkins University, 1992.

_____. *The Middle East: From the End of Empire to the End of the Cold War*. London ; New York : Routledge, 1997.

“Was the Egyptian revolution really non-violent?”; *Egypt Independent*, 24 jan. 2012 (disponível no link: <http://www.egyptindependent.com/news/was-egyptian-revolution-really-non-violent>).

WILLIAMS, Carol J.; “Egypt: Rights Advocates report protest death toll as high as 300”; *Los Angeles Times*; 1 fev. 2011 (disponível no sítio: <http://latimesblogs.latimes.com/babylonbeyond/2011/02/egypt-rights-advocates-report-protest-death-toll-as-high-as-300.html>).